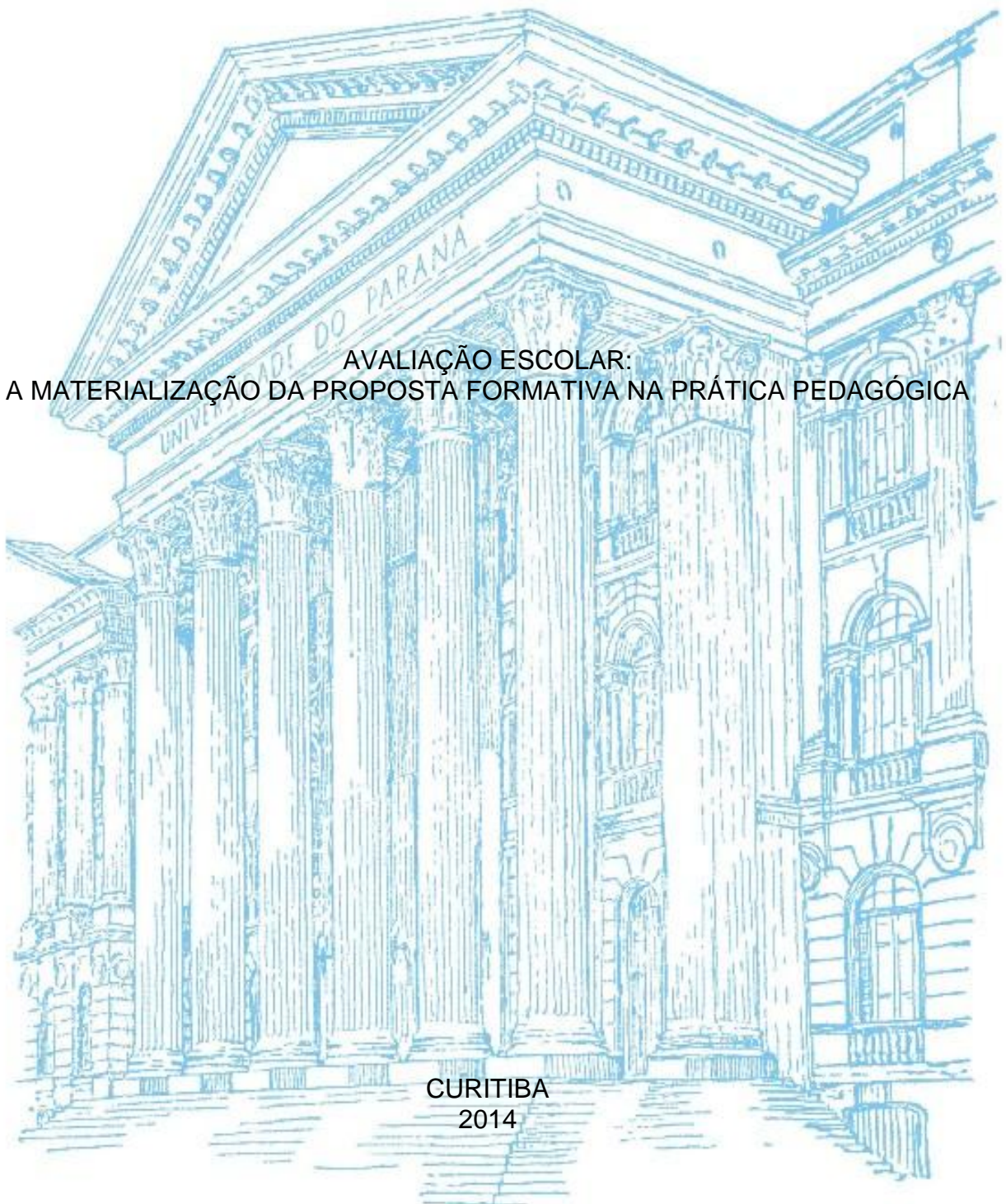


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ROZANGELA GOMES

AVALIAÇÃO ESCOLAR:
A MATERIALIZAÇÃO DA PROPOSTA FORMATIVA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

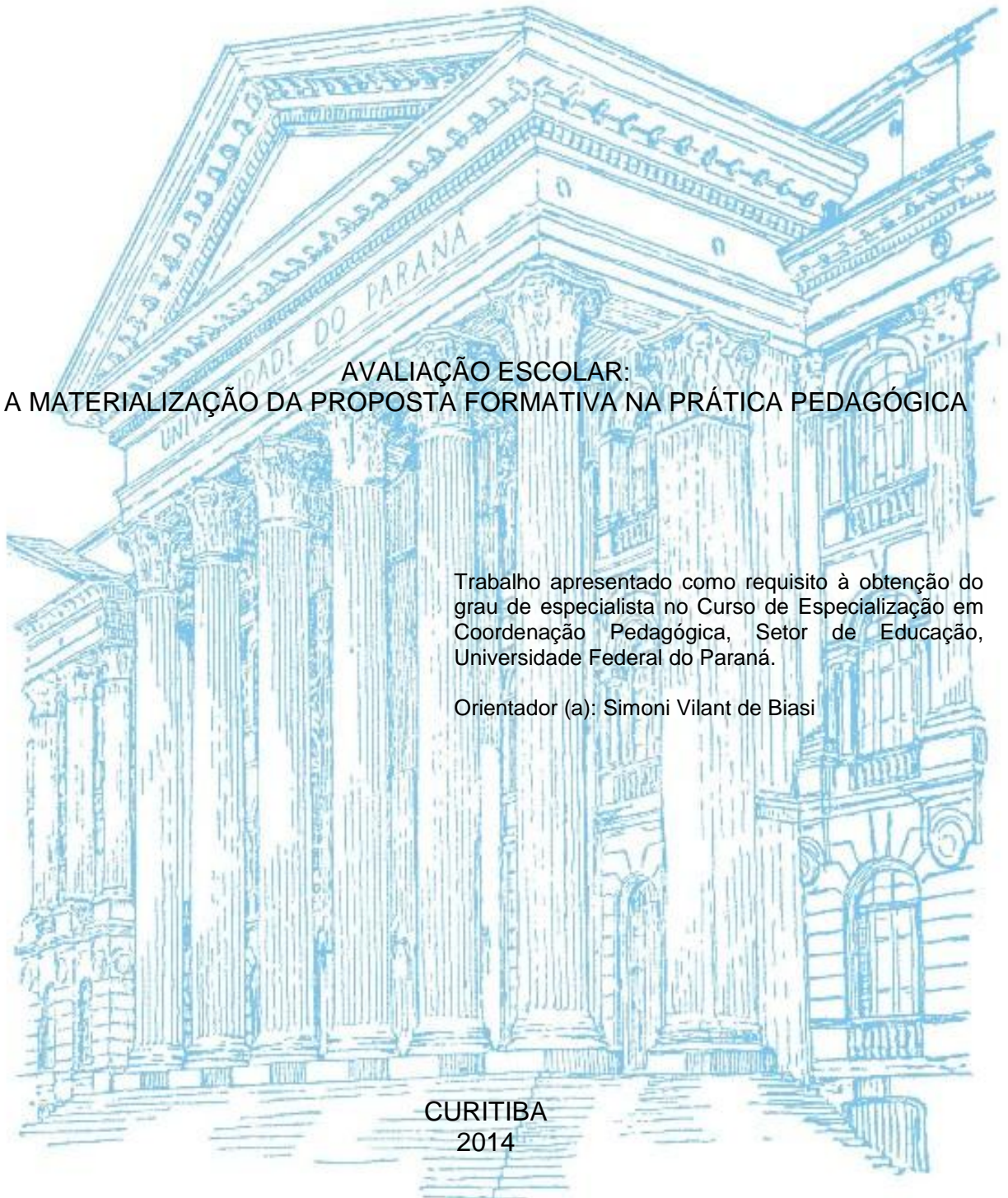
ROZANGELA GOMES

AVALIAÇÃO ESCOLAR:
A MATERIALIZAÇÃO DA PROPOSTA FORMATIVA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Simoni Vilant de Biasi

CURITIBA
2014



AVALIAÇÃO ESCOLAR: A MATERIALIZAÇÃO DA PROPOSTA FORMATIVA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

ROZANGELA GOMES*

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre a avaliação da aprendizagem, diagnosticando quais as práticas avaliativas utilizadas nas escolas, para assim criar mecanismos no processo de avaliação que permitam efetivar a avaliação formativa, através da qual podemos verificar a real aprendizagem do aluno. Por meio da pesquisa realizada, que resultou neste artigo, percebeu-se que os professores não acreditam que a metodologia utilizada por eles pode ser o motivo da não aprendizagem. Isso aponta para importância de se discutir constantemente qual é a real função da avaliação, que vai além de classificar o aluno através de notas, que são somadas ao final de cada trimestre, mensurando estas como forma de se aprovar ou reprovar o educando.

Palavras-chave: Avaliação formativa – práticas pedagógicas – aprovação e reprovação – avaliações classificatórias e quantitativas.

*Artigo produzido pela aluna Rozangela Gomes do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Simoni Vilant de Biasi. E-mail: rozangela_g@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a avaliação tem como finalidade a democratização do saber, e, segundo Luckesi (1998, p.71), “a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem do educando, tendo em vista a qualidade do resultado que estamos construindo”.

Porém, o que se percebe é que a avaliação tem sido realizada somente para mensurar os resultados atingidos pelos alunos através de provas e testes e não com o intuito de formar cidadãos autônomos, críticos e reflexivos. Também se observa que a avaliação tem se materializado como verificação, através da qual o aluno não retira dela algo novo e significativo, ele simplesmente reproduz o que foi apreendido.

O sentido da prática avaliativa se argumenta na necessidade de levar o aluno a assimilar o conteúdo e que o mesmo o leve ao saber sistematizado. Não podemos admitir que através da avaliação se reprove ou aprove o aluno, mas sim que haja um direcionamento da aprendizagem e seu consequente desenvolvimento.

Podemos verificar ainda, através de observações e discussões em reuniões com professores e em conselhos de classe que precisamos transformar as práticas avaliativas da escola, pois as mesmas ainda estão direcionadas a partir de uma perspectiva classificatória e quantitativa, resultando tão somente na aprovação e reprovação.

Diante destas reflexões acerca da avaliação escolar, lançam-se algumas perguntas que nortearam a discussão apresentada neste artigo: Qual é o conceito de avaliação apreendido pelos professores que lecionam no Ensino Fundamental? A avaliação realizada atende ao direito à educação no que se refere à garantia da aprendizagem e ao padrão de qualidade?

Acredita-se que todas estas preocupações devem fazer parte do dia-a-dia de uma escola, na qual a Coordenação Pedagógica, Direção e Professores devem se engajar na busca de sua superação, pois desta forma buscar-se-á formar o sujeito na sua íntegra. Cabe aqui citar Fetzner (2010, p.21): “A avaliação escolar, em sua perspectiva formativa, precisa ser feita por meio do diálogo e tem como prática a reflexão sobre as aprendizagens do cotidiano escolar”.

O principal objetivo deste artigo é contribuir nos encaminhamentos de práticas avaliativas mais emancipadoras para a materialização da proposta formativa

na prática pedagógica, refletindo as práticas atuais de avaliação, diagnosticando quais as práticas avaliativas utilizadas nas escolas, para assim criar mecanismos no processo de avaliação que permitam efetivar a avaliação formativa, através da qual poderá ser verificada a real aprendizagem do aluno.

Através das práticas avaliativas utilizadas pelos professores pode-se perceber com clareza que a reprovação tem se tornado a solução para classificar os alunos que não atingem o esperado, ou seja, se o mesmo não obtiver sucesso através das avaliações realizadas pelo docente, torna-se mais fácil reprová-lo do que rever as práticas pedagógicas utilizadas.

Práticas estas que podem levar o aluno a se apropriar dos conhecimentos mínimos necessários para a vida em sociedade. Segundo Fetzner (2010), precisamos perceber as dimensões formativas, dialógicas e reflexivas da avaliação no cotidiano escolar. Contrário a isso, a avaliação acaba sendo utilizada como meio de punir o aluno que não se comporta de acordo com o que o professor espera dele, que não apresenta disciplina adequada. Vê-se que não existem preocupações com as dificuldades de aprendizagem, apenas se espera que ele atinja as notas para ser aprovado.

A avaliação na escola passa a ser apenas um instrumento de aprovação e reprovação, pois conta com profissionais, que na maioria das vezes, não é comprometido com a aprendizagem do aluno. Estes se utilizam de processos avaliativos tradicionais, classificatórios e seletivos. Estudos mostram que o desempenho insatisfatório do aluno se manifesta a partir das avaliações classificatórias praticadas nas escolas e não somente por culpa do aluno e de sua família.

Verifica-se que a falta de conhecimento do docente em relação aos conceitos, modelos e critérios de avaliação utilizados por ele, influenciam diretamente na aprendizagem do aluno. Se o professor não tem clareza de onde quer chegar com sua prática como poderá ter conhecimento do estágio de aprendizagem do seu aluno?

Diante disto organizou-se o presente artigo com base em pesquisas e observações realizadas dentro do universo escolar de uma escola pública de Curitiba, contando com a participação de docentes, coordenadores pedagógicos e direção no preenchimento de um questionário para que pudesse entender as práticas avaliativas utilizadas na escola.

Após a realização destes, foi realizada a leitura de diversos autores que abordam a temática avaliação, o que permitiu chegar a mecanismos que levem a prática da avaliação formativa para dentro da escola.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Quando falamos de avaliação da aprendizagem, seja ela formativa, diagnóstica, somativa, classificatória, temos um leque de autores extremamente competentes, e que vem ao encontro com os objetivos deste trabalho acadêmico.

Começo citando Vasconcelos (2013): “Avaliar é localizar necessidades e se compreender com a superação, pois de nada adianta mudar ferramentas, se o professor continuar classificando seus alunos em bons e maus”.

Os processos avaliativos desenvolvidos pelos docentes, quando construídos dentro de concepções de educação claras, devem levar a efetiva aprendizagem e a formação do educando, resultando na construção do conhecimento. Contrário a isto vemos que no Brasil se avalia para dar nota e para aprovar ou reprovar os alunos, através de processos classificatórios, seletivos e excludentes.

Segundo Villas Boas (2004, p. 80), “a avaliação praticada nas escolas pode cumprir duas funções principais: classificar o aluno ou promover sua aprendizagem”. Para que o aluno não seja apenas classificado durante o processo avaliativo é necessário que o docente possa estabelecer relações entre sua prática avaliativa e o processo ensino-aprendizagem, tendo um novo olhar para a avaliação, para que esta atenda o direito à educação.

As avaliações somativas ao final do bimestre ou trimestre são comuns no universo escolar, sendo que estas representam apenas um balanço do desempenho do educando no final daquele período. Se a prática utilizada pelo docente fosse formativa, o aluno teria condições de estar acompanhando seu progresso acadêmico sempre que fosse avaliado, pois segundo Villas Boas (2006, p. 78), “o que diferencia a avaliação somativa da formativa é o propósito e o efeito, e não o momento da sua realização”.

Através do papel formativo da avaliação o professor pode analisar constantemente o progresso de seu aluno, podendo identificar o que já foi assimilado pelo educando e o que é preciso ser retomado, sendo necessária, na maioria das vezes, a reorganização do trabalho pedagógico do docente.

Para que a avaliação desenvolvida pelos professores possa cumprir o papel de auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem do educando, se faz necessário que o docente reveja sua prática pedagógica, pois de acordo com Libâneo:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (LIBÂNEO, 1994, p.195).

Sabe-se que, cabe ao professor acompanhar e retomar o processo de construção do saber, de analisar e constatar o nível de conhecimento real adquirido pelo educando, pois como diz Luckesi:

A avaliação apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão. (LUCKESI, 1997, p.174).

Portanto, deve-se embrenhar em busca de uma educação emancipatória e cidadã, que não seja utilizada apenas para mensurar os resultados atingidos pelos alunos através de provas e testes e sim no intuito de formar cidadãos autônomos, críticos e reflexivos.

De acordo com Villas Boas (2006, p. 79), “a avaliação está a serviço da aprendizagem”, e ela somente se efetivará se contribuir para que o aluno aprenda a aprender. Ainda, segundo a autora, a avaliação formativa praticada nas escolas deve ajudar o aluno a desenvolver estratégias tornando-o participante deste processo.

O que se idealiza são alunos que não apenas reproduzam informações, mas que tenham a capacidade de construir sua aprendizagem ao longo do tempo, pois segundo Villas Boas:

Alunos que constroem ativamente sua compreensão sobre novos conceitos, desenvolvem estratégias que os capacitam a situar novas ideias em contextos mais amplos, têm a oportunidade de julgar a qualidade do seu próprio trabalho e dos colegas, a partir de objetivos bem definidos e critérios adequados de avaliação, e estão, ao mesmo tempo, construindo capacidades que facilitarão sua aprendizagem ao longo da vida”. (VILLAS BOAS, 2006, p.79).

É necessário ter clareza de que os processos avaliativos que devem acontecer nas escolas, às chamadas provas e trabalhos, devem ser bem elaborados, de acordo com Moretto:

A avaliação é feita de formas diversas, com instrumentos variados, sendo o mais comum deles, em nossa cultura, a prova escrita.... e, se tivermos que elaborar provas que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes. (MORETTO, 2005, p. 95-96).

É fundamental ter em mente que a prática avaliativa se argumenta na necessidade de levar o aluno a assimilar o conteúdo e que o mesmo o leve ao saber sistematizado. Não se pode admitir que através da avaliação se reprove ou aprove o aluno, mas sim que haja um direcionamento da aprendizagem e seu consequente desenvolvimento.

Uma forte aliada a este processo é a avaliação formativa, pois esta irá promover a aprendizagem do aluno e do professor, além de contribuir para o desenvolvimento da escola. Neste sentido a prática docente deve buscar a efetivação da aprendizagem do educando, não podendo apenas transmitir conteúdos culturalmente sistematizados, favorecendo desta forma a formação de alunos descontextualizados com o mundo que o cerca.

A avaliação neste sentido deve levar o aluno a acompanhar sua aprendizagem, buscando informações que lhe forneça a capacidade de encontrar diferentes alternativas para construir seu desenvolvimento real. E, sabe-se que a condução deste processo deve partir do professor, pois segundo Peregrini:

[...] o professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria com crianças e adolescentes, prepara todos para que elaborem seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos em frente à classe, ele agora pauta seu trabalho no jeito de fazer a garotada desenvolver formas de aplicar esse conhecimento no dia-a-dia. (PEREGRINI, 2003, p. 2).

Dentro da avaliação formativa fica claro o comprometimento que o docente deve ter com a aprendizagem de seu aluno, pois ele não irá simplesmente passar informações, despejar conteúdos, e sim levá-los a construir seu aprendizado de forma prazerosa. Utilizando as informações já adquiridas pelo aluno para gerar novos conhecimentos.

Através de reflexões constantes o professor deve rever seus posicionamentos metodológicos para que a prática avaliativa possibilite aprendizagens significativas e a formação do educando. De acordo com Libâneo (1994, p.198), “A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do

trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”.

A partir da avaliação o professor poderá refletir e redimensionar sua prática pedagógica, além de ser um forte instrumento para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Segundo Luckesi:

A avaliação, aqui, apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão. (LUCKESI, 1997, p.184).

Uma prática educativa comprometida e com responsabilidade levará a formação do educando dentro de uma perspectiva emancipatória. Portanto, é necessário ter em mente que um dos objetivos da avaliação escolar é levar a formação do educando de forma emancipatória e cidadã.

3. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

Para realizar a coleta de dados sobre o tema Avaliação Escolar foi utilizada a técnica de questionário. Sendo que os mesmos foram respondidos sem a presença do entrevistador, e este tinha conhecimento sobre o assunto, tendo cuidado na seleção das questões e sua finalidade.

Segundo GIL, questionário pode ser definido como:

[...] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. (GIL, 1999, p.128).

Portanto, a partir do questionário foram coletadas as informações da realidade escolar em relação à avaliação realizada pelos professores, através dele os informantes não sofreram qualquer tipo de influência nas suas opiniões, pois o que se pretendia era proporcionar para o pesquisador uma melhor visão e compreensão do contexto do problema.

As questões elaboradas foram abertas, permitindo liberdade ilimitada de respostas. Para tanto, segundo Gil (1999, p. 129), "... as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa, além de possibilitar uma única interpretação".

Durante este período a pesquisadora esteve em contato com professores e equipe pedagógica, pois acredita-se que todo o processo avaliativo dentro de uma Instituição de Ensino passa por estes sujeitos, culminando no aluno.

Através das reuniões de planejamento entre professores e coordenadores pedagógicos, foram encontrados indícios que demonstraram que os alunos vêm sendo avaliados apenas no intuito da aprovação ou reprovação, que a avaliação praticada não é formativa, pois não se avalia a real aprendizagem do educando.

Os questionários preenchidos pelos docentes diagnosticaram as práticas de avaliações utilizadas por eles, sendo estas classificatórias, pois serve para medir o que foi apreendido ao final do período, para promover o aluno a série seguinte. A grande maioria considera que a avaliação é a base para verificar o aprendizado do educando, não propondo novas formas de avaliar.

Embora o principal objetivo das avaliações para os professores seja promover e diagnosticar as apropriações do conhecimento trabalhados por eles, é muito difícil ocorrer o *feedback* da avaliação, muito menos a retomada de conteúdos, pois segundo eles não há tempo hábil.

O feedback oferecido ao aluno, segundo Villas Boas (2006, p. 78), “levarão em conta o processo de aprendizagem por ele desenvolvido, e não apenas os critérios de avaliação”. Cabe ao docente levar o aluno a participar do processo avaliativo, orientado o mesmo a localizar suas dificuldades, descobrindo assim quais as formas de progredir na sua aprendizagem.

De acordo com Hadji (2001, p. 28), “o aluno percebe onde está, toma consciência das dificuldades que encontra e pode tornar-se capaz de reconhecer e corrigir seus próprios erros”.

Da análise dos questionários aplicados ficou claro que o docente utiliza-se de vários modelos de avaliação para tentar obter melhores resultados, porém a grande maioria sem sucesso, pois o aluno não está comprometido com a avaliação. Existe uma cultura impregnada entre eles que só se deve estudar para obter a nota necessária para ser aprovado, e não para atingir a apropriação do saber.

Sabe-se que através de avaliações formativas, pode-se garantir a evolução de todos os alunos, porém o que se verifica são práticas seletivas, pelas quais são verificadas as notas que os alunos obtiveram nas provas e testes, não se dando ênfase no aprender.

Vemos então a importância da prática da avaliação formativa, pois a mesma informa ao professor se sua intervenção pedagógica está atingindo objetivos reais podendo, a partir dela, regular suas ações. Entretanto, o que se percebe é que o docente não acredita que o problema possa estar na sua metodologia de trabalho, ou seja, na maneira como ele vem transmitindo o conteúdo para seu aluno.

Mesmo sabendo o que deve ser feito o docente demonstra que não tem segurança para começar o novo. A mudança depende da capacidade de querer, de estar apto a investir numa educação de qualidade. Segundo Hadji:

Se o professor não assumir o risco de fabricar instrumentos e inventar situações, desde que tenha a preocupação constante de compreender para acompanhar um desenvolvimento, como o aluno pode realmente, em sua companhia, assumir o risco de aprender? (HADJI, 2001, P.24).

A discussão coletiva pós-avaliação é essencial, pois alunos e professores poderão discutir sobre quais pontos não foram aprendidos, o que fazer para que ocorra a apropriação de tais conhecimentos. Desta forma o docente estará proporcionando ao aluno o ato de refletir, de argumentar, crescendo desta forma como cidadão crítico, aprendendo a assumir suas responsabilidades enquanto participante do processo avaliativo.

Porém, o que se verifica nas escolas são alunos que apenas estudam, ou dizem que estudam, para serem avaliados, e, no outro dia não lembram nada do que escreveram na prova, muito menos dos conteúdos que o professor trabalhou em sala de aula, daí a importância da ênfase no fato de aprender, da aprendizagem ser significativa.

Acredita-se ser primordial que o docente conheça seus alunos, estabeleça vínculos com os mesmos, pois de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996, Art. 23, a avaliação escolar deve ser contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos, não sendo aceitável que se considere apenas a nota final do aluno para aprovação e reprovação.

Vasconcelos (2003) nos relata que: “A avaliação só deve acontecer para haver intervenção no processo de ensino e aprendizagem”. Os processos avaliativos desenvolvidos pelos docentes, quando construídos dentro de concepções de educação claras, devem levar a aprendizagem significativa e a formação do educando, resultando na construção do conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os processos avaliativos dentro do universo escolar, e com base nos resultados obtidos a partir dos questionários aplicados, e, de reuniões realizadas dentro da escola pesquisada, pode-se chegar à conclusão de que a prática pedagógica do professor precisa ser revista em relação aos processos avaliativos. As mudanças na sociedade e conseqüentemente na educação instauraram novas exigências para o docente, o qual deve estar constantemente se aperfeiçoando para acompanhar estas mudanças.

É necessário que o professor avalie a eficácia de sua prática pedagógica e as modifique sempre que necessário, no intuito de elevar o processo de ensino-aprendizagem a um patamar de qualidade aceitável.

A prática da avaliação formativa se faz necessária no ambiente escolar, pois a mesma tem a capacidade de levar o aluno a refletir sobre o que esta aprendendo, desenvolvendo as competências necessárias para torná-lo crítico, participativo e autônomo, preparado para a nova realidade social e do trabalho.

Todos sabem que o ato de avaliar faz parte da vida dos seres humanos, e que está presente em nosso dia-a-dia, principalmente dentro da sala de aula. Lá professor e aluno terão a possibilidade de formular questionamentos e tomar decisões coerentes em relação ao seu aprendizado.

A avaliação formativa, praticada dentro da sala de aula dará ao professor as informações essenciais para intervir com eficácia na regulação da aprendizagem de cada aluno. Através dela o aluno passa a ter interesse em aprender e faz tudo o que pode para que os conhecimentos adquiridos façam parte do seu dia-a-dia.

Ao adotar a prática de avaliar passo a passo o processo de aprendizagem, na qual o aluno tem a oportunidade de expor o que errou e por que errou, o professor terá a chance de refletir e fazer as alterações necessárias na sua prática pedagógica, além de desenvolver estratégias adequadas para obter o maior desempenho de seu trabalho e de seus alunos.

Infelizmente muitas escolas praticam a avaliação somativa e classificatória, e estas apenas sistematizam o processo de aprendizagem, passando uma ideia errônea de que o aluno adquiriu conhecimento de maneira satisfatória. O que se

sabe é que na maioria das vezes ele estudou no dia anterior apenas para conseguir uma nota e ser aprovado.

Este tipo de avaliação não acrescenta em nada a aprendizagem do aluno e, através dela o docente não tem a necessidade de se preocupar em fazer a análise da real aprendizagem de seu aluno. A avaliação acaba sendo utilizada como forma de classificar o aluno através de notas ou conceitos, perdendo o professor a oportunidade de transformar o processo avaliativo em instrumento para ajudar seu aluno.

A partir desta análise vemos a real importância da avaliação formativa na escola. Por meio dela o educando adquire o conhecimento através dos conteúdos transmitidos pelo docente de forma eficaz. Se o conteúdo não foi assimilado o professor poderá retomá-lo, garantindo assim que o aluno possa se apropriar do conhecimento elevando a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Infelizmente alguns professores não têm conhecimento de como avaliar seu aluno. A avaliação formativa ainda esta longe de ser uma prática constante nas escolas. E, quem perde com isso é o aluno, que deixa de se tornar um agente ativo dos processos avaliativos para ser aquele que apenas recebe uma gama de conhecimentos, que não trazem significado para sua vida.

Um mecanismo que pode ser utilizado para verificar junto aos professores a importância da avaliação formativa e, que deve ser praticada no ambiente escolar é a realização de uma avaliação escrita em sala de aula, da qual posteriormente, de forma coletiva com os alunos, solicita-se que cada um relate quais os seus erros, que aspectos não foram assimilados por eles, o que os levou a não chegar à resposta correta, quais as maiores dificuldades encontradas na resolução da questão.

A partir deste texto será possível organizar algumas explicações que justifiquem seus equívocos, realizando desta forma um *feedback* do conteúdo de forma descontraída e prazerosa, e que levam a conclusão de que os mesmos realizam as atividades de forma mecânica, sem refletir sobre o que escrevem. Não se dando conta de que poderiam pensar melhor antes de resolver as questões solicitadas pelo docente.

Sendo assim, como produto desta pesquisa, propõe-se a realização de cursos de formação continuada sobre a avaliação escolar, além de grupos de estudos

dentro da escola, os quais levarão a debates e discussões sobre novas propostas de avaliação que visem à construção de processos de ensino-aprendizagem eficazes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – Lei 9394/1996.**

FETZNER, Andrea Rosana. **Avaliação: um tema polêmico.** Perspectivas críticas da avaliação. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Cortez Editora: São Paulo. Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem Escolar.** 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola?** (1998).

MORETTO, Vasco Pedro. **“Prova um momento privilegiado de estudos e não um acerto de contas”.** DP&A Editora, RJ, 1995.

PELLEGRINI, Denise. **Avaliar para ensinar melhor: Da análise diária dos alunos surgem maneiras de fazer com que eles aprendam.** revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/avaliar-ensinar-melhor-424538.shtml. Consultado em 24 de setembro de 2013.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Intencionalidade: palavra-chave da avaliação.** revistaescola.abril.com.br/img/planejamento/celso.doc. Consultado em 24 de setembro de 2013.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.** Campinas: Papirus, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Avaliação Formativa e Formação de Professores: Ainda um Desafio**. Linhas Críticas, Brasília, 2006.